

**Como citar este texto:** BEIGUELMAN, G. Mapas diagramáticos como dispositivos críticos da hiperlocalidade. **VIRUS**, São Carlos, n. 8, dezembro 2012. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus08/?sec=3&item=1&lang=pt>>. Acesso em: 00 m. 0000.



## Mapas diagramáticos como dispositivos críticos da hiperlocalidade

Giselle Beiguelman

Giselle Beiguelman é Doutora em História pela USP, pesquisadora e Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, artista multimídia e curadora. É editora da revista Select. É organizadora de Nomadismos Tecnológicos (Senac, 2011), entre outros. Site: [www.desvirtual.com](http://www.desvirtual.com)

### Resumo

O artigo discute a emergência de um sentido de hiperlocalidade relacionado à “febre do mapeamento” desencadeada pela acessibilidade a bases cartográficas e a popularização dos recursos de geolocalização. Sem contestar a relevância desses recursos, chama a atenção para o que podem implicar em termos de atrofia do imaginário, ao sugerirem usos essencialmente descritivos do espaço e aplicações que apenas visam a eficiência do percurso. Em contraposição, apresenta o projeto *Você não está aqui* (Beiguelman e Velazquez, 2012), uma máquina de criar cidades e produzir novos sentidos espaciais, por meio de estratégias de deslocalização.

**Palavras-chave:** mapas, mídias locáticas, mobilidade

*Instead of causing us to remember the past like the old monuments, the new monuments seem to cause us to forget the future. Instead of being made of natural materials, such as marble, granite, plastic, chrome, and electric light. They are not built for the ages, but rather against the ages. (...) Both past and future are placed into an objective present. (...). Time becomes a place minus motion. If time is a place, then innumerable places are possible. Rather than saying, "What time is it?" we should say, "Where is the time?"*

Robert Smithson. Entropy and the New Monuments (1966)

Mapas são formas de registro visual do espaço desde a antiguidade. Levam ao limite as ambiguidades do termo representação para as quais Carlo Ginzburg chamou a atenção. Por um lado, diz, “a ‘representação’ faz as vezes da realidade representada e, portanto, evoca a ausência”. Contudo, ela “também torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença”. (Guinzburg 2001, 85)

Essa tensão entre presença e ausência é constitutiva da história da cartografia e a preponderância de uma sobre outra revela os modos pelos quais entendemos nossa posição simbólica no mundo e ilumina sensivelmente a compreensão da cartografia como analogia (interpretação) ou como decalque (descrição) do espaço.

No contexto atual, vivemos, parafraseando Derrida, uma verdadeira “febre do mapeamento”, facilitada pela acessibilidade a bases cartográficas, como as disponibilizadas via Google Maps, e a popularização dos recursos de geolocalização, distribuídas entre celulares e redes sociais.

Longe de querer contestar a utilidade desses recursos, interessa aqui discutir de forma crítica as implicações simbólicas dessa súbita epidemia de mapear e geolocalizar tudo e todos, em qualquer momento e a partir de qualquer ponto. À época do lançamento do recurso “My Location”, o Google (Google Official Blog 2011) sistematizava em seu blog o “estado da arte” da situação:

“Onde estou?” E “O que está ao meu redor?” São duas perguntas que cartógrafos, e o Google Maps, esforçam-se em responder. Com o recurso My Location do Google Maps, que mostra a sua localização como um ponto azul, você pode ver no mapa onde você está, para evitar andar na direção errada nas ruas da cidade, ou para se orientar, se você estiver caminhando em uma trilha desconhecida. O Google Maps também exibe detalhes adicionais, tais como locais, monumentos e as características geográficas, para dar-lhe contexto sobre o que está por perto. E agora, o Google Maps para Android permite que você descobrir onde você está e ver onde você pode querer ir, quando você está dentro de casa.<sup>1</sup>

Em poucas frases, arquivava-se todo o legado Situacionista e sua importante reflexão sobre a Deriva (Jacques 2003) e, junto com isso, os inúmeros, poetas e

---

<sup>1</sup> “Where am I?” and “What’s around me?” are two questions that cartographers, and [Google Maps](#), strive to answer. With Google Maps’ “[My Location](#)” feature, which shows your location as a blue dot, you can see where you are on the map to avoid walking the wrong direction on city streets, or to get your bearings if you’re hiking an unfamiliar trail. Google Maps also displays additional details, such as places, landmarks and geographical features, to give you context about what’s nearby. And now, Google Maps for Android enables you to figure out where you are and see where you might want to go when you’re indoors.

filósofos que nos últimos séculos vem repensando e repropoendo a poética do flaneur de Baudelaire. É importante, por isso, interrogar se essas práticas não estariam nos levando a uma abordagem essencialmente descritiva do espaço, sob uma concepção de representação como presença. Um tipo de construção visual que tende a nos aproximar do cenário retratado em "Sobre o rigor na ciência", de Jorge Luis Borges (1996, 225):

...Naquele império, a Arte da Cartografia alcançou tal Perfeição que o mapa de uma única Província ocupava uma cidade inteira, e o mapa do Império uma Província inteira. Com o tempo, estes Mapas Desmedidos não bastaram e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império que tinha o tamanho do Império e coincidia com ele ponto por ponto. Menos Dedicadas ao Estudo da Cartografia, as gerações seguintes decidiram que esse dilatado mapa era inútil e não sem impiedade entregaram-no às Inclemências do sol e dos Invernos. Nos Desertos do Oeste perduram despedaçadas Ruínas do Mapa habitadas por Animais e por Mendigos; em todo o País não há outra relíquia das Disciplinas Geográficas.

Nesse breve relato, que Borges atribui a Suarez de Miranda em texto escrito em 1658, insinuam-se os perigos de atrofia do imaginário que acompanha a explosão das mídias locativas. Seu potencial crítico foi fartamente discutido por André Lemos em inúmeros artigos (Lemos 2010). Suas possibilidades de rastreamento e funcionalidade para o fomento ao consumo, contudo, não são desprezíveis. Afinal, estamos falando de equipamentos que se definem pela integração entre redes de acesso à internet em alta velocidade (tecnologias 3G e 4G), transmissão e recepção de vídeo, uso de VOIP e participação em redes sociais. Tudo isso combinado com serviços relacionados a mídias locativas.

É justamente essa combinatória o que torna tão diferentes a navegação na internet de linhas fixas e aquela no celular, e o que explica a animação dos publicitários com a cultura da mobilidade. A partir de programas instalados no aparelho, feitos para facilitar e aperfeiçoar a vida de seus usuários, não apenas é possível saber onde o portador do dispositivo está, mas ter essa informação compartilhada e combinada a bancos de dados, e apontando para o que está em sua vizinhança.

Em termos publicitários objetivos, isso permite, por exemplo, que um consumidor, portador de um celular inteligente (ou seja, com acesso a internet, GPS, etc.), cadastrado em redes sociais como Facebook e afins, onde estão arquivados vários de seus gostos e hábitos, ao passar na frente de uma loja, receba no seu celular um cupom digital de desconto. Nesse contexto, as microtelas urbanas passam a comportar-se como extensões do nosso corpo conectadas no espaço físico, e inserem novas variáveis nos sistemas de invasão da privacidade e rastreamento. (Beiguelman 2011, 251).

Ao ter seu uso massivamente atrelado à abordagem unidimensional que relaciona um lugar, a uma pessoa/grupo e uma imagem – como ocorre, em grande escala, em redes sociais como o Facebook, Instagram, ou a uma informação pontual específica – como é o caso do Foursquare – desvinculam-se os mapas de seu caráter diagramático no sentido que Deleuze (1988, 44) dá ao conceito:

O diagrama não é mais o arquivo, auditivo ou visual, é o mapa, a cartografia, co-extensiva a todo campo social. É uma máquina abstrata. Definindo-se por meio de funções e matérias informes, ele ignora toda distinção de forma entre um conteúdo e uma expressão, entre uma formação discursiva e uma forma, entre um conteúdo e uma expressão, entre uma formação discursiva e uma formação não-discursiva. É uma máquina quase muda e cega, embora seja ela que faça ver e falar.

Em contraponto ao uso essencialmente descritivo dos mapas e da cartografia, foi elaborado o projeto *Você não está aqui* (Beiguelman e Velazquez 2012), uma máquina de criar cidades que confronta os discursos excessivamente localizadores dos dispositivos de socialização e consumo. Trata-se de uma instalação artística interativa que propõe o desafio de inventar uma nova geografia, afetiva e movediça, em mapas nômades de territórios passageiros.



Vista externa da instalação *Você não está aqui*, no Itaú Cultural, em São Paulo

A obra discute a paisagem no tempo da produção de imagens mediadas por dispositivos portáteis, aplicativos de celular, recursos de geolocalização e tagueamentos de toda sorte. Para tanto, oferece uma experiência cinematográfica para a era do "homem sem a câmera", na qual o público é convidado a construir

idades (ou reeditar os caminhos percorridos pelos artistas em diferentes lugares) a partir de um banco de dados.



Exemplo do tipo de imagens que alimentam o banco de dados de *Você não está aqui*

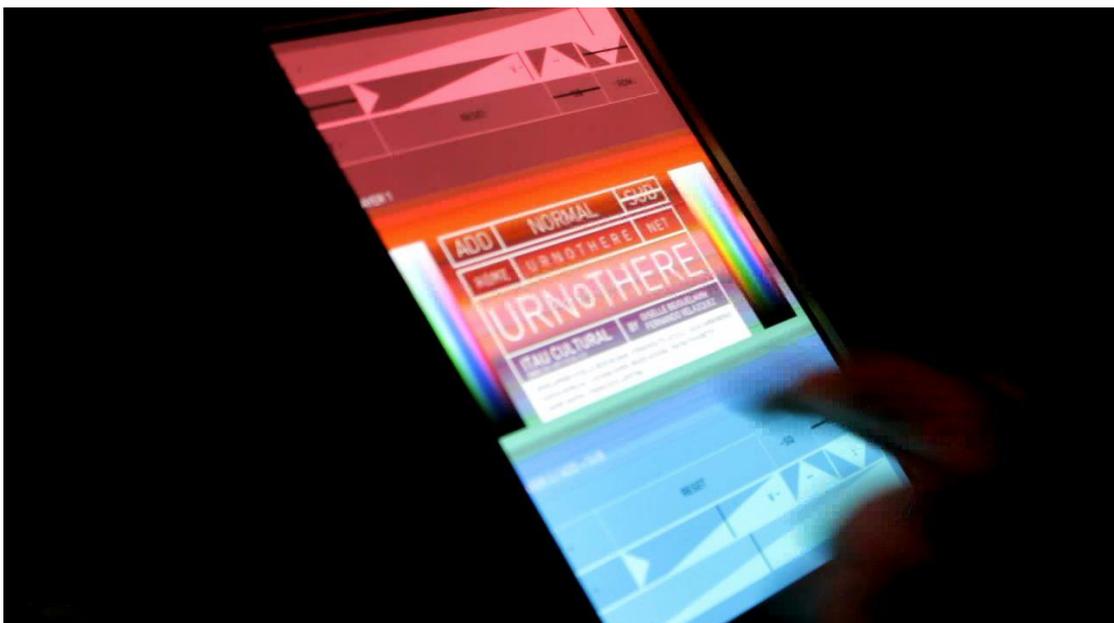
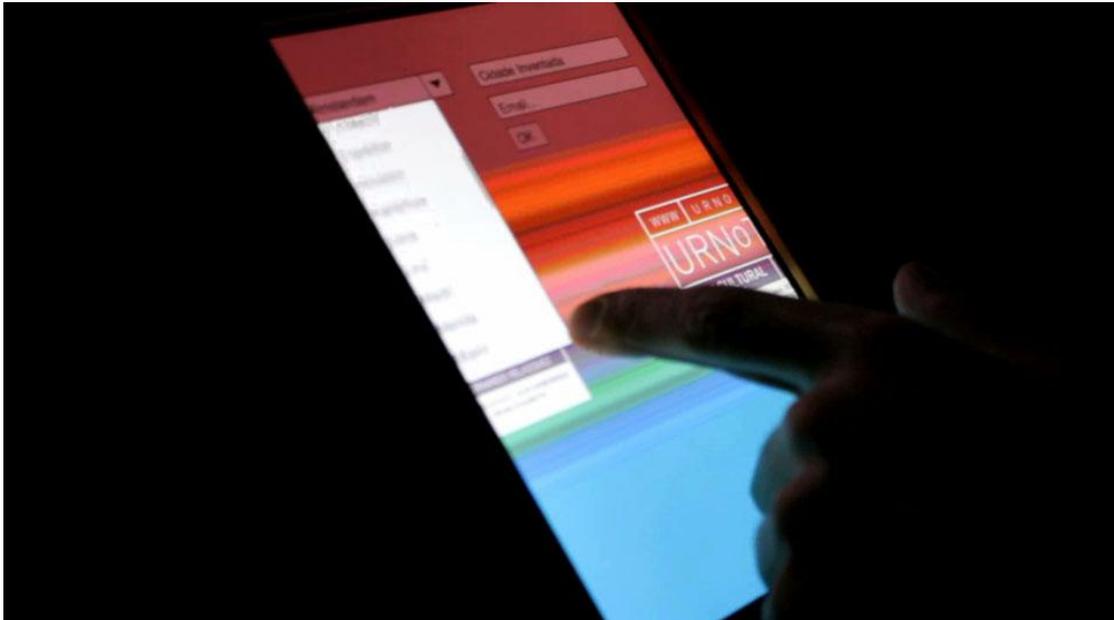
A paisagem é visualizada num dispositivo de 360° que acompanha a movimentação dos visitantes e desconstruindo a incessante marcação de posicionamento que a cultura dos GPSs tem imposto.



Vista interna da instalação *Você não está aqui*

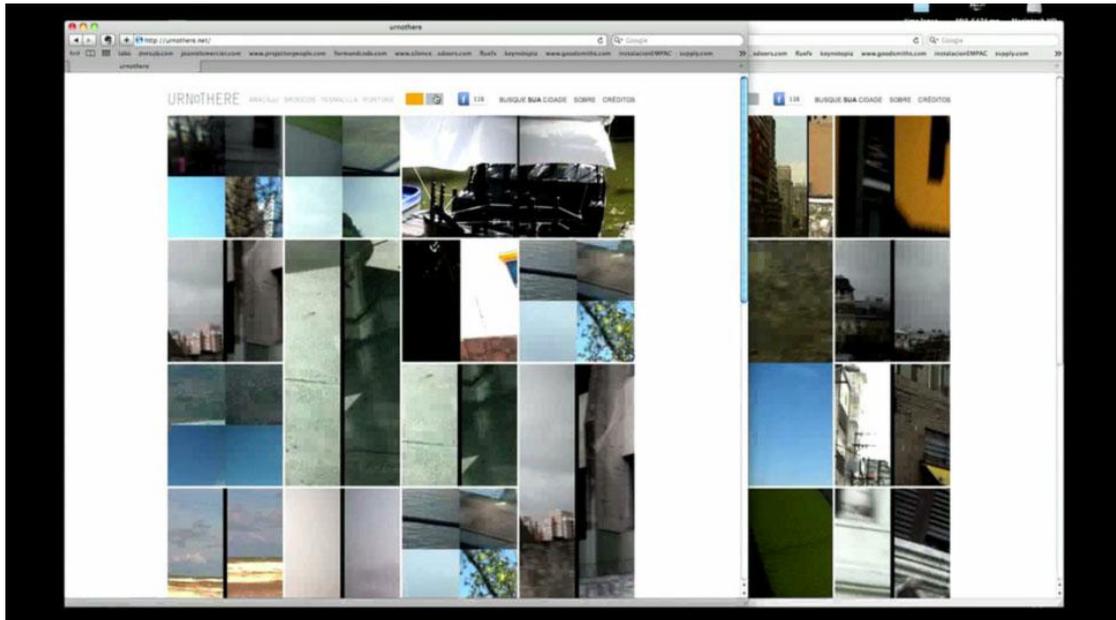
O público é convidado a visualizar e/ou criar cidades, a partir da escolha de imagens capturadas pelos artistas em mais de 40 cidades do mundo, em

interfaces multitoque (iPads). Os visitantes criam e modificam as paisagens aplicando efeitos gráficos, sonoros e de movimento.



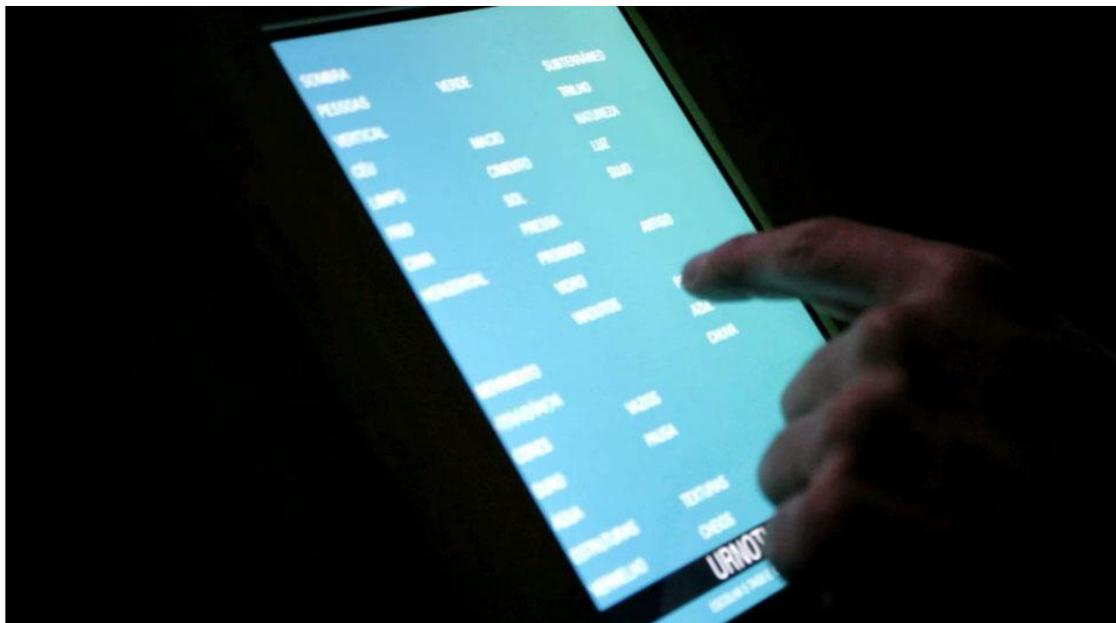
Interface iPad para criação de cidades e edição das paisagens pelos visitantes

As cidades criadas pelos visitantes na sala de exposição também são publicadas em tempo real na internet, onde podem ser visualizadas remotamente. Essa visualização contudo não entrega ao visitante um vídeo com começo, meio e fim.



Mapas diagramáticos gerados em tempo real pelo público na manipulação do banco de dados da instalação *Você não está aqui*

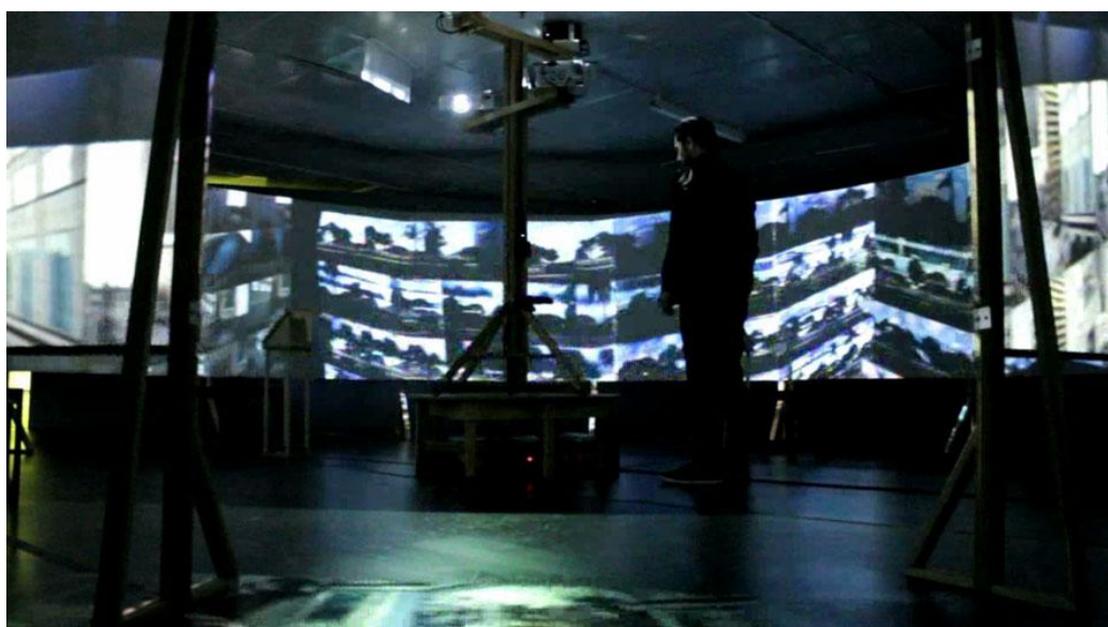
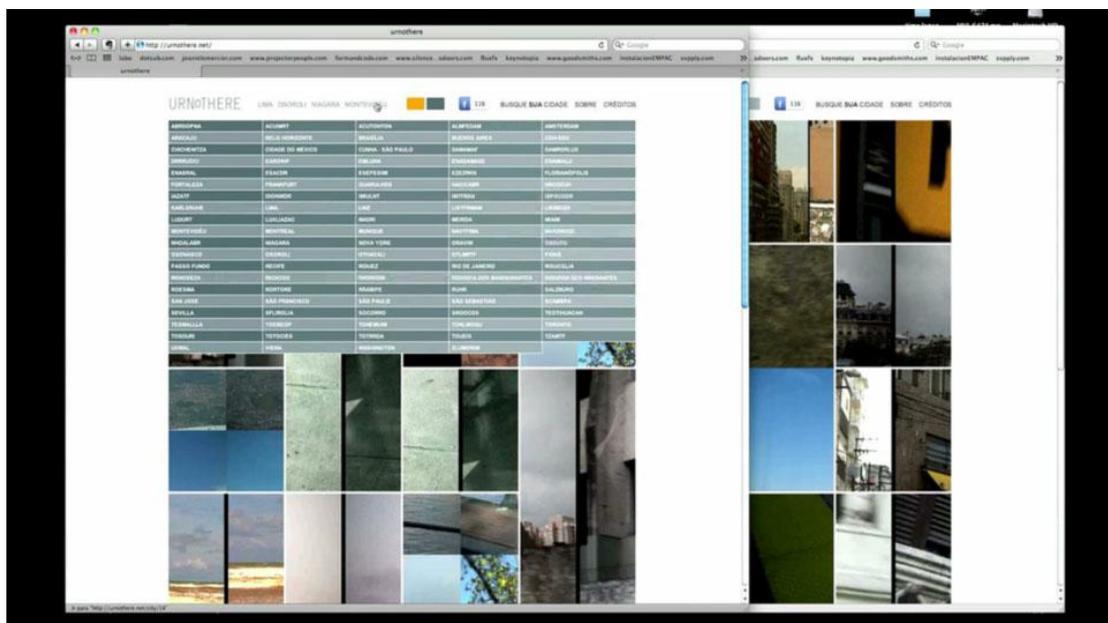
Apenas recupera as tags (palavras-chave) escolhidas no ambiente expositivos e as cidades a ela associadas. Reconstrói, a partir de rearranjos constantes as paisagens da cidade imaginária produzida no ambiente expositivo.



Interface para seleção das palavras-chave que dão acesso ao banco de imagens da instalação *Você não está aqui*

Cada cidade criada, porém, tem um nome exclusivo e é "propriedade" intransferível de seu criador. Basta digitar o e-mail cadastrado no momento de

invenção da cidade para localizá-la. Ela aparecerá em formato de mosaico e será reordenado a cada carregamento das páginas. Todas as cidades arquivadas, reais e imaginárias, são listadas, em ordem alfabética, no índice de cidades do site.



Acima, tela do site mostra menu de cidades imaginárias criadas pelo público. Abaixo, vista interna da instalação.

No âmbito da instalação, um grande olho eletrônico (um Kinect customizado) põe em movimento o "fluxoscópio", nossa bússola de deslocalização, que faz com que os projetores, no recinto expositivo, se movimentem em círculos e desfaçam qualquer possibilidade de observação a partir de um ponto fixo.



Visitante interage com a projeção nos terminais com iPad. No centro, o "Fluxoscópio" dispositivo de deslocalização que põe a projeção em movimento.

Rompe-se aí a lógica de cumplicidade com o triste personagem borgeano que procurava desenhar mapas tão perfeitos, que chegariam à escala de um para um, abolindo qualquer possibilidade de representação e, no limite, de imaginação. Ao romper com essa lógica, indicam possibilidades criativas que estabelecem outros regimes de sentido. Eles são pautados por mapas transitórios de territórios dinâmicos que pressupõem, certamente, outras representações da experiência mobilidade, indo além da banalidade descritiva do "você está aqui".

Vídeo

<http://vimeo.com/gbeiguelman/urnothere>

### Referências

BEIGUELMAN, G. Territorialização e agenciamento nas redes: em busca da Ana Karenina da cultura da mobilidade. In: BEIGUELMAN, G.; LA FERLA, J.

**Nomadismos tecnológicos**. São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 247-270.

BEIGUELMAN, G.; VELAZQUEZ, F. **Você não está aqui**. Itá Cultural. Disponível em <<http://www.urnothere.net>. São Paulo, 2012>.

BORGES, J. L. Del rigor en la ciencia. In: BORGES, J. L. **Obras completas**. Buenos Aires: EMECÉ, 1996, Vol. II, p. 225.

DELEUZE, G. Um novo cartógrafo. In: DELEUZE, G. **Foucault**. Trad. Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 33-53.

GOOGLE OFFICIAL BLOG. **A new frontier for Google Maps: mapping the indoors**. *Google Official Blog*. 29/11/2011. Disponível em: <<http://googleblog.blogspot.com.br/2011/11/new-frontier-for-google-maps-mapping.html>>. Acesso em: 09 dez. 2012.

GUINZBURG, C. Representação: a palavra, a ideia, a coisa. In: Guinzburg, C. **Olhos de madeira: nove reflexões dobre a distância**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 85-103

JACQUES, P. B. **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

LE MOS, A. Post—Mass Media Functions, Locative Media, and Informational Territories: New Ways of Thinking About Territory, Place, and Mobility in Contemporary Society. **Space and Culture**, vol. 10, nº 4, Nov. 2010, p. 403-420.